

Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Redacção e administração — R. Barjona de Freitas, 38-2.º
Officina de impressão — Typ. "Minerva" — Hamalicao

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno 600 réis—Semestre . . . 300 réis
Brasil (moeda forte) um anno 1\$200 »—Numero avulso 20 »

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir qualquer individualidade
EDITOR RESPONSÁVEL — Fernando Monteiro.

CARTA ABERTA

Ao sr. Padre Bonifacio Lamella, delegado do Circulo Catholico á sessão magna promovida pela Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos

Ha, além de uma satisfação pessoal que me deve o rev.º padre a quem dirijo esta carta, uma affronta á classe caixeiral d'esta villa, que quero vêr esclarecida. Na historia dos povos, na descripção das grandes evoluções humanas o livre pensamento tem sido o principal motor d'aquellas complicadas engrenagens, o unico elemento progressivo que tem elevado a Humanidade á sua, quasi, total perfeição. Talentos esclarecidissimos prégam a liberdade do pensamento como um benefico lenitivo aos males que atormentam a multidão miseravel e o proprio Christo, philosopho insigne, espirito sublime de propagandista, não o condemnava, nem incitava os seus prosélytos a destruir pela violencia um ideal que não professavam, um crêdo que elle julgava prejudicial.

Catholico pelo baptismo, crente convicto d'uma religião que formou os alicerces de uma sociedade então immaculada, não é o meu espirito que condemna o catholicismo, nem e minha penna que combate a religião pura, sinceramente proclamada pela palavra insinuante e inconfundivel do Nazareno. Sou um descrente da religião adoptada por muitos ministros, que dizem continuar a obra encetada por Christo e que seguem a vereda sem espinhos do interesse, da calumnia, da devassidão. Revoltase-me a consciencia ao pensar quanto é diverso o proceder de muitos propangandistas do catholicismo d'hoje, ao dos rudes apóstolos que levavam a vista fixa n'uma cruz, o espirito enlevado em contemplação mystica e na alma a abnegação para mil sacrificios. Não era em salões sumptuosos que Christo levantava calumnias, ou inventava mexericos.

Era em montes elevados, em camilhos tortuosos e lugubres que a sua doutrina sã era prégada, que a sua voz

elevava pela amplidão immensa. Chamar atheu, inconsciente a um homem que detesta a hypoerisia, as trevas, a ignorancia, é a contestação clara, a guerra absurda aos mais rudimentares principios do Bom Senso, á Liberdade, á Consciencia humana. Não reneguei a fé em que fui criado, nem a minha maneira de vêr offende a religião que o Estado adoptou. Abomino a estupidéz, o vicio, a crápula indecorosa que hoje se observa claramente e cuja base, a seiva d'onde sáe o alimento que sustenta todos esses males, são, quasi sempre, collectividades criadas para exhibir vaidades mesquinhas, para elevar individualidades inuteis e para satisfazer ambições vis, que a sociedade condemna.

Realizou-se, como se havia anunciado, no passado domingo a sessão de propaganda pelo descanso dominical. Motivos contrarios aos meus desejos obstaram a que a ella assistisse. Disseram-me depois, e com mágua o ouvi, que o rev. P.º Bonifacio Lamella havia dito no seu discurso, que condemnava o pensar de alguns caixeiros, em que eu era incluido.

Digo em que eu era incluido, pois salientou um caixeiro que dera um viva ao **Libre Pensamento**.

Esse viva foi dado por mim, com a convicção sincera de quem sente na alma o desejo de exterminar o mal. A profissão de fé, o valor d'uma ideia, o pensar livre de uma pessoa não se apreciam nem se discutem em uma sessão dedicada a incutir em todos os espiritos, a necessidade imprescindivel de estabelecer o descanso dominical obrigatorio.

Acima de paixões banaes, de caprichos futeis e sem valor, ha a ordem que é preciso respeitar, ha a tradição que não se transgride. Se, porém, o sr. P.º Lamella alludisse ao meu pensar sem ferir a di-

gnidade de ninguem, sem querer insultar os meus collegas com a classificacão de inconscientes, eu desculparia uma irreflexão momentanea, um desejo de ostentar dotes oratorios. Não é n'esta carta, escripta em um momento de justificada indisposição de espirito, que se avalia o passado d'uma religião, a futura utilidade d'uma ideia, a propaganda tenaz d'um crêdo; alongaria muito este desprezioso escripto e iria esclarecer factos que convem ficarem ignorados. Mas se lanço um véu sobre o passado, o presente nem por isso deixa de ser incensuravel, nem a falta de escrupulos deixa de manifestar-se. Attesta-o o proceder de um sacerdote, que enviou a alma da sr.ª condessa de Camarido para o céu, pela insignificante recompensa de oito contos de réis! Não imagine o sr. padre Lamella que eu ataco a digna classe sacerdotal: cito, simplesmente, factos notorios que não deixam de macular uma religião. Assim, se o livre pensamento preocupa o espirito de V. Rev.ª, mais o devem entristecer factos como estes, que o prohibem de accusar ideias que só espalham reverberos de luz e clarões de generosidade. Podia, ainda, apontar o alcance ephemero que representam essas associações que denominam Circulos Catholicos.

Na época presente essas collectividades são incompativeis com as ideias humanitarias e incontestavelmente instructivas, que a França civilizada nos tem importado. Mas esta carta não é uma contestação ás suas doutrinas nem é meu intuito rebatel-as. Espalhe V. Rev.ª as theorias da sua religião, que eu seguirei intemeratamente o caminho razoavel que me indica a minha consciencia.

Termino resumindo o fim d'esta carta e expondo a minha profissão de fé: inconsciente é o apóstolo d'um crêdo, que não comprehende ou

falseia a base fundamental que constitue a sua religião. Não sou um livre-pensador, um anarchista pratico, nem um demonio audacioso, que deseje offuscar a gloria ambicionada que tanto o seduz. Sou apenas um caixeiro ignorado a quem a instrucção não esqueceu completamente.

Considero a dignidade muito superior a todos as preconceitos sociaes, e, proclamando-a como o idolo supremo da minha alma, não admitto, seja a quem fôr, a tente difamar, especialmente na minha ausencia.

Francisco Guimarães.

Barcellos, 29 de agosto de 1905.

"A Fraternidade,"

Prevenimos os nossos presapsimos assignantes de que vãos pôr em cobrança o primeiro semestre de assignatura d'este jornal.

E' agora, n'esta occasião, que nós vamos conhecer os nossos amigos:—os que querem ver na "Fraternidade," um jornal forte e desassombrado na defesa dos interesses da nossa infeliz classe, e os que pretendem vê-la sobrar a golpes de desauxilio.

Uma classe que tem direitos a defender e que precisa da sua imprensa para propagandar a sua causa, deve **por dever mesmo** nunca abandonar aquelles que lhe dedicam o trabalho mais sincero e mais entusiastico das suas horas livres, porque é dever dos opprimidos trabalhar pela sua libertação.

Assim o esperamos.

Assim cremos que acontecerá; e oxalá que os nossos assignantes nos não tragam o desconforto, o desanimo e a hesitação ao nosso prosequimento no caminho que traçamos e que é luctar e caminhar firme pela conquista dos direitos d'essa enorme legião de trabalhadores que se chamam—caixeiros.

Sejam amigos nossos e dedicados á causa que defendemos.

Reuniões de propaganda

Em Barcellos:

Para se dar cumprimento ao Plano de trabalhos que lhe foi imposto pela Comissão do Descanso da Zona Norte, a direcção da *Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos* pediu a cada uma das collectividades—Real Associação Humanitaria de Soccorros Barcelinense, Bombeiros Voluntarios e Circulo Catholico de Operarios,—a nomeação de dois delegados para se constituir uma *comissão local de propaganda e reclamação do descanso dominical por lei*, a qual é composta, pelo accedimento das direcções da nossa Associação, dos srs. Manoel de Faria, Manoel da Costa Maciel, Domingos Carreira, Joaquim Antonio Pereira, P.º Bonifacio Elias Barbosa Lamella, Antonio Joaquim da Silva e pelos delegados da nossa Associação.

Esta Comissão, reunida no dia 18 do mez passado em sessão preparatoria, resolveu que se desse o maior impulso aos trabalhos e que no dia 20 se fizesse uma reunião dos caixeiros locais para apreciação da representação a enviar ao parlamento pedindo a lei do descanso dominical, cuja representação foi elaborada n'aquella sessão da comissão.

Resolveu mais:

Que para o dia 27 se convidasse o povo de Barcellos a reunir no salão da Camara Municipal, para discussão da mesma representação e para tratar-se do assumpto—descanso dominical.

O vice-presidente da direcção da nossa Associação, o nosso companheiro João de Sousa, propoz que a Comissão tivesse um presidente e dois secretarios, o que foi approvedo; por isso convidou para aquelles logares:—pela Associação dos Bombeiros Voluntarios, presidente, Domingos Carreira; pelo Circulo Catholico, secretario, P.º Bonifacio Elias Barbosa Lamella; e pela Real Barcelinense, vice-secretario, Manoel da Costa Maciel, que acceitaram e foi approvedo.

O nosso collega João de Sousa, foi pela comissão encarregado de tratar das

Reuniões,

o que cumpriu.

A *das Caixeiros*, realizou-se, como a comissão resolveu, no dia 20 do passado mez, na sede da *Associação dos Empregados do Commercio*, ficando a representação approveda e enviando-se para o Porto, á *Comissão do Descanso*, um telegramma, communicando as resoluções tomadas.

A reunião do povo de Barcellos realizou-se no domingo seguinte, 27, no salão nobre da Camara Municipal, que para esse fim foi pedido ao digno presidente o sr. dr. Vieira Ramos, um grande e sincero amigo dos caixeiros locais.

De manhã foram profusamen-

te distribuidos uns impressos a convidar para aquella reunião todo o povo barcelense e os socios das Associações locais, sendo esses impressos assignados pela *Comissão local de propaganda*.

Antes havia se convidado a imprensa local e auctoridades.

Eram 5 horas e 10 minutos da tarde quando se deu começo á

Sessão

Foi esta aberta pelo collega João de Sousa, o qual disse que a convite da Associação dos Empregados do Commercio, se constituiu a *Comissão local de propaganda e reclamação da lei do descanso dominical*, a qual é formada por dois delegados de cada uma das Associações barcelenses. E, como todos já sabem pelos convites distribuidos, o fim d'aquella sessão é a discussão e apreciação que em nome do povo d'esta terra vae ser enviada ao parlamento, pedindo a lei do descanso dominical.

Agradece, por sua parte, em nome da comissão, a comparencia de todos aquella reunião e, como se não acha bem n'aquelle logar, porque se não julga competente para o continuar a occupar, convida o sr. Domingos de Figueiredo, director de importante casa commercial—o Banco de Barcellos—a occupar aquelle logar.

Para terminar, diz que este cavalheiro sempre tem estado ao lado dos caixeiros e que a sua comparencia alli isso mesmo atesta.

Occupando a mesa da presidencia, o sr. *Domingos de Figueiredo* agradece as salvas de palmas com que foi recebido pela assembleia, e declara-se sempre ao lado dos caixeiros—seus collegas d'hontem e que tambem o serão amanhã.

Tem pelos caixeiros a maior sympathia, porque vê n'esta classe uma legião de trabalhadores, que trabalha agora pela consecução de um Direito, implorando Justiça.

Lamenta que os governos tenham olhado com tanto desprezo a causa do descanso dominical, que por todos os titulos se impõe a todos.

Estão todos alli para reclamar do governo essa medida: e, por isso, vae mandar lêr a representação a dirigir ao parlamento, sobre a qual deve recair toda a discussão d'aquella sessão.

Antes, nomeou para secretarios os srs. Joaquim José d'Araujo e João de Sousa que, ao tomarem os seus logares, foram acclamados com palmas.

Em seguida o vice-secretario leu a representação, a qual no proximo numero publicaremos por hoje nos faltar o espaço.

O sr. presidente põe a representação á discussão da assembleia; e como ninguém sobre ella pedisse a palavra, deu esta ao nosso collega *João de Sousa*.

Começa por afirmar que não está alli para impôr justiça á causa do descanso dominical, uma vez que ella tem já sido debatida em toda a imprensa do nosso paiz e até no parlamento, e está bem justificada no fundo

do coração de todos os trabalhadores portuguezes.

Só pretende dizer que ha dezanne annos que uma classe numerosa—a dos caixeiros—vem consumindo esforços em prol da proclamação d'esse direito, e que até hoje ainda nada os governos fizeram, a não ser o dizerem que a causa lhes é muito sympathica...

Em face d'este proceder, entende que os trabalhadores portuguezes—caixeiros e operarios—os interessados n'esta causa, devem impôr a sua força e destacar a sua energia, para que o governo attenda as suas justissimas reclamações.

Os governos simplesmente se interessam com os assumptos politicos, como nos ultimos dias se tem presenciado; pois é preciso, e é uma necessidade, obrigal-os a tratar dos assumptos sociaes e economicos do paiz.

Voltando-se para a representação que foi lida, diz que a considera approveda, não só por sua parte, mas tambem por parte da assembleia, porque esta, no fim da sua leitura, cobriu-a com palmas, facto que explica a sua approvação por todos,

Termina por dizer que o descanso dominical é uma medida que sem perda de tempo deve tornar-se em facto e deve ser reclamada como hygienica, christã e social.

Foi applaudido.

Usa em seguida da palavra o rev. P.º *Bonifacio Lamella*:

Não tencionava fallar, mas fal-o porque lhe é muito sympathica a reclamação dos caixeiros, que defende com calor.

Entretém-se demoradamente em considerações sobre a validade das associações, critica os operarios por se não aggremaírem, lamenta a pouca concorrência de caixeiros e operarios áquella reunião e termina com o assumpto—catholocismo—o que, na verdade, não era alli chamado, visto que a reunião não tinha outro fim que não fosse a discussão do assumpto—descanso dominical.

Tambem foi applaudido.

Segue-se o companheiro *Alberto Luiz do Carmo*. É a primeira vez que falla em publico.

Analysa a situação do caixeiro e o interesse que todas as classes devem tomar na causa do descanso dominical, defendendo este com amor e vivacidade, para se chegar a uma conclusão final satisfatoria.

Tem palavras de incitamento á lucta para os caixeiros e operarios, finalizando por fazer um appello á imprensa para que esta continue a defender a causa dos opprimidos.

Applausos.

Está terminada a inscripção dos oradores, diz o sr. presidente. Por isso vae encerrar a sessão.

Declara que a representação que vae ser dirigida aos poderes publicos—e por signal está bem redigida, diz,—está unanimemente approveda.

Aconsella os caixeiros a que não desistam da lucta travada,

porque esta ha-de triumphar, cre.

Diz que a meza resolveu dirigir ao sr. presidente do concelho o seguinte telegramma:

«Povo e associações locais reunidas sessão propaganda pedem V. Ex.ª apresente camaras projecto lei descanso dominical—A meza, *Domingos de Figueiredo, Joaquim d'Araujo, João de Sousa*».

E' encerrada a sessão no meio de muitos vivas ao descanso dominical, á união dos caixeiros e operarios portuguezes, etc.

Correspondencias

Coimbra, 9

Mez de Setembro I

Coimbra dorme, reclinada nas claras aguas do poetico Mondego, o seu somno habitual de todos os annos.

As praias abarrotam de gente e as casas de prego de roupas e joias.

Ir para uma praia é comprir um dever; disfarça-se a miseria com a mascara da opulencia e... mette-se figura.

Deve ter o quer que é de poesia e bom tom a vida deslizando assim entre rosas e cascas de laranja, poucando á barriga para se exhibir nos pés umas botas de polimento.

Dia 9, a correspondencia tem que seguir, que hei-de dizer?

Noticias não ha, julgo que foram veranear tambem!

Que o Mario partiu para a Figueira e o Guinaraes para o Porto papar um jantar ao Candido Dias?

Ja toda a gente sabe!

N'esta estúpida pasmaceira, não sei que diga, francamente.

Ah!... um caso sensacional, funambulesco mesmo!

Hontem, alguém leu-me, por acaso alguns *bocados* de prosa, inserta n'um numero do jornal «O Marchante» na secção respectiva da «Aurora Commercial», copiada, textualmente *segundo ouvi dizer*, das paginas romanticas d'um livro do sandoso Camillo...

Mau! não é isto que quero dizer, ver lades d'estas não se descobrem.

A proposito é que me lembrou de perguntar ao *illustre* director da «Aurora Commercial», a razão porque tendo pago como qualquer outro cidadão em Janeiro de 1905 a minha assignatura do mesmo jornal por todo o anno, nunca mais o recebi desde que este se fundiu com o «Marchante».

Queira explicar-me, sim?

—E sem noticias, sempre consegui encher um linguado!

Obrigado, *oh musa inspiradora!*

Julio

Braga, 11

A reunião da classe d'aqui teve logar no edificio da Associação de Classe Commercial. A concorrência não foi o que devia ser, mas no entanto foi a maior que temos visto no nosso edificio social.

Talvez em poucas partes ou terras do paiz essa manifestação fosse tão vibrante de entusiasmo como foi em Braga. E' que aqui existe um grupo de collegas dedicados á frente dos quaes, Raul Guimarães e Jacques Nunes, que estão promptos a sacrificar tudo pelos seus santos ideaes. Foi o que succedeu no dia 20; alli não estava a classe de Braga toda reunida, mas estava dignamente representada; alli não estavam 400 caixeiros que tantos conta esta cidade, estava sim um grupo relativamente pequeno mas unido e disciplinado; e, quando um exercito é pequeno, mas nas suas fileiras ha o ardor pela causa, a união e a disciplina, todos os obstaculos são vencidos.

Eram 4 horas da tarde quando Raul Guimarães subiu ao estrado da presidencia, para saudar vivamente os collegas presentes, lamentar que, tendo Braga perto de 400 caixeiros, só uma terça parte haja preferido aquella reunião—que só em seu proveito se effectua—às distrações e passeios que certamente os tem áquella hora, e para propôr á assembleia que aos trabalhos d'aquella reunião presida Jacques Nunes, dando-se assim mais uma prova da estima em que a classe tem a sua valiosa cooperação ás suas causas.

Recebida esta proposta por uma longa salva de palmas assume a presidencia o proposto, que, muito commovido, agradece as manifestações de que foi alvo e especialmente ao seu muito amigo, presidente da direcção, pela honra da sua proposta, e declara-se mais uma vez solidario com os seus collegas, dizendo que estará sempre ao lado dos caixeiros porque não pode admittir que elles continuem a ser escravos de outras eras, e offerece os seus serviços apoucados mas de boa vontade, porque entende que todos aquelles que tem coração devem acompanhar uma causa tão humana e justa como é a do *descanso dominical*, que ora se vae reclamar por lei mais uma vez.

Seguidamente pede a palavra Raul Guimarães, que diz a sua opinião acerca do assumpto que alli se debate, mostrando a justiça que lhe assiste e provando a indolencia criminosa dos poderes publicos. Conhece que o seu temperamento de cordeiro tem um limite e quer que elle se não approxime, mas fere-o tão intimamente a incuria dos que de direito deviam nem o primeiro pode esperar, que, abster-se-ha de iniciar o movimento de impaciencia, mas sente-se demais forte para o acompanhar com ardor porque d'elle depende certamente a expansão de que precisa; unam-se—continua—que, como o disse alguém, as Associações de Classe são mães desveladas, e esperamos: que... á noite ha-de seguir-se o dia.

Falla de Jacques Nunes que, apesar de hoje ser patrão, alli se mostra perfeitamente coherente em seus principios, e por

fim apresenta Victor Falcão, director do «Jornal dos Caixeiros», que alli se encontra, como um pugnador acerrimo das nossas causas.

Victor Falcão, que foi recebido com prolongadas salvas de palmas, pede a palavra para se congratular com o facto de alli se ver no meio do elemento a que com toda a boa vontade dedica os seus esforços; apesar de, como já se declarou, só se encontrar reunida uma terça parte da classe de Braga, essa parte é já de satisfazer porque é relativamente numerosa e cheia de entusiasmo.

Falla dos collegas que sempre tem dirigido a nossa Associação, tecendo-lhes elogios; felicita os seus collegas de Braga, e por fim agradece a manifestação que lhe foi feita ao ser apresentado.

Segue-se-lhe no uso da palavra o collega Adelino Gomes de Souza, que expende considerações tendentes aos interesses da causa; admira que para um assumpto d'esta importancia tão capital não haja mais attenção dos poderes, e finda por pedir justiça.

Por fim falla o collega Abilio Corrêa, que faz varias considerações de molde a provar com argumentos convincentes a justiça das nossas pretensões, declara-se incondicionalmente ao dispôr d'ellas porque entende assim dever proceder quem tenha alma e coração.

Não havendo mais oradores inscriptos, a presidencia disse que ia proceder-se á leitura da seguinte

Representação

Senhores Deputados da Nação Portuguesa:—Sem arrogancias, sem temores—porque aquellas seriam uma pelulante e descabida indelicadeza,—porque estes teriam de ser uma incoherencia perante a nossa condição de conscientes—vimos juntar o clamor da nossa voz ao incommensuravel echo da justiça que hade levar aos vossos ouvidos o supremo e mais intenso de todos os gritos! Gritamos para que nos ouçam, já que sem a repercussão do grito o echo não chega a vós?

Gritamos para que se saiba que d'entre as classes que em Portugal amassam o pão para comer com o abundante suor de seu trabalho, uma ha que é mais desprezada, tendo, afinal, os seus membros como viventes, todo o direito ás regalias sociaes!

Gritamos porque á nossa condição de escravizados repugna a redundancia de amontoar palavras, quando se resume em meia duzia aquillo que precisamos e porque ao nosso temperamento de homem de vida pratica aborrece a repetição banal d'aquillo que temos dito! Tudo quanto aqui se escreva e deprehenda, tudo quanto aqui se pense e leia, não é mais que dizer-vos que é indispensavel uma lei que estabeleça um dia de descanso por semana para os empregados do Commercio do Paiz.

E' por isso, tambem, e em

nome de todos os sentimentos reunidos, que vos declaramos que é mais que monstruoso que tendo nós a pedir connosco aquelles, os patrões, por ventura os mais prejudicados com a publicação d'essa lei, seja ainda preciso que annos decorram continuamente implorando!...

Julga-se ás vezes mal d'um povo pela dureza das suas palavras; avalia-se o estado dos espiritos pela impaciencia das suas acções, e quantas!

Esse julgamento e esse conceito são o mais errado dos prejuizos!... Se nós, já depois de tanto reclamar, descrentes tambem da imparcialidade na distribuição da justiça, se nós, enfim, homens com todos os fóros de cidadãos livres, começarmos a dizer que a liberdade é uma burla em Portugal, que dirão os que, estranhos á nossa peregrinação annual ao parlamento, só julguem os animos pelo que exteriormente transpire?

Senhores:

São sempre para o nosso paiz proveitosas lições todas as manifestações de vida que em outros paizes repetidamente se accumulam.

N'ellas temos visto e, até, importado, algumas tão viaveis que são hoje a gloria d'aquelles que as fizeram. Mas porque será que ninguem, ainda, se lembrou, ou tentou trazer para a legislação portugueza qualquer prescripção das que regulam o trabalho em outros paizes tão, ou mais, adeantados que nós?

Eis tudo. E' o que agora pedimos: que alguém movido pela importancia da vossa intercessão por nós, siça no honrosissimo exemplo de todas as nações cultas, estabelecendo uma lei que determine obrigatorio o encerramento das casas de commercio ao domingo e nos garanta esse dia para descanso».

Foi approvada delirantemente entre vivas e palmas prolongados. Por ultimo o presidente, usando mais uma vez da palavra, agradecen as referencias amaveis que lhe foram feitas e fez votos para que ainda n'esta legislatura a *lei do descanso dominical* seja approvada. Propoz que para dar ao acto a importancia que devia revestir, todos os presentes acompanhassem os membros da mesa ao telegrapho a dar conta á *Commissão do descanso* (Zona Norte) das resoluções tomadas e encerrou a sessão, seguindo-se entusiasticos vivas ás Associações de Classe, á imprensa da classe, á imprensa do paiz, ao descanso por lei, aos patrões honrados, etc.

Em harmonia com a ultima proposta todos sahiram em direcção ao telegrapho.

Era imponente aquella grande massa de caixeiros a percorrer as ruas da cidade. Ao passar na consideravel firma Manoel Bento de Carvalho & C.^a, os honrados iniciadores do descanso dominical n'esta cidade, a classe levantou-lhe muitos vivas.

Aos caixeiros de Braga

Muitas tem sido as manifes-

tações singelas ou imponentes que a classe dos Empregados do Commercio tem levado a effecto, tendentes todas a provar a indiscutivel justiça nas suas pretensões, e que tem merecido o apoio incondicional de patrões illustres e honrados, de reputados homens de sciencia, e de esclarecidos espiritos cultos. Uma d'essas manifestações—está ainda bem viva, e foi a mais cabal prova da nitida comprehensão que a classe dos caixeiros tem pelos seus direitos e deveres—foi a de 30 de julho proximo passado.

Esta data marca a passagem por esta cidade de cerca de mil obreiros do Commercio que em excursão e em nome dos restantes desenove mil collegas do paiz admiraram, louvaram e agradeceram o espontaneo e valioso apoio das nossas damas, do commercio honrado e do nosso povo. A excursão de 30 de julho ultimo foi mais uma valiosissima prova e clara affirmacão de que a grande familia dos caixeiros não pede um impossivel, não deseja o inviavel, não reclama demasias e sobretudo não vae de encontro ao bom senso patronal. Essa legião de vinte mil soffredores, acordando accossada pelo progresso que glorifica, pela civilização que illumina, pela hygiene que restaura e pela religião que vivifica, sae como que de um torpôr que a inhabilita, e vae reanimar-se nos braços carinhosos, amigos e justiceiros d'essa parte honrada de patrões comprehendedores que a anima e até com ella lucha para lhes franquear os caminhos que conduzem sem veredas á luz pura do saber, e á expansão leal e franca d'um ardente e unisono—Hurrah! pela lei do descanso dominical!!! Temos connosco o elemento primario, segundo uns, secundario, segundo outros, na sua totalidade; falta nos uma pequena parcella da outra parte que para vencer-a ha que desistir dos meios já empregados e recorrer á salutar lei que vae estabelecer não a imposição que algum mal intencionado julgará, mas a garantia da solidariedade precisa para os interesses de cada um, e reclamada pelas circumstancias e justas argumentações de todos.

Esta é a indicação verbal dos que nos auxiliam, e é o apunte espiritual dos injustamente considerados renitentes; e porque assim o sabemos, e de harmonia com as deliberações tomadas pela commissão nomeada no importante congresso da classe realizado em Lisboa, dirigimos o seguinte

Convite

a todos os empregados no Commercio, socios ou não socios d'esta collectividade, para comparecerem, amanhã, na nossa sede social, á rua de S. Vicente n.º 60, pelas 3 horas da tarde para em reunião magna ser approvada a representação que vae ser apresentada ao parlamento, na qual se reclama a lei do descanso dominical. Em todo o paiz, no mesmo dia e á mes-

ma hora, se realisam reuniões d'esta natureza; é preciso que nenhum caixeiro deixe de com a sua presença dar ao acto a importância e retumbância a que os seus direitos e desejos tem jus incontestavel. Sobre este assumpto diz a imprensa da classe: «Esperamos a bem dos interesses da nossa classe, que todos os caixeiros saberão cumprir o seu dever, concorrendo em massa a essas assembleias. Aquelles que assim não procederem, commettem um crime de lesa-classe, e serão apontados por os que se sacrificam ao bem commum como traidores á causa do descanso dominical.

Camaradas:

No dia 20, n'um grito unisono do norte ao sul do paiz, bradaremos:

Justiça! Justiça! Justiça!

Que todos cumpram pois o seu dever, dizemos nós, por nossa vez; e assim o esperamos.

Associação de Classe Commercial de Braga (Caixeiros) 19 d'Agosto de 1905.

A direcção. Gomes

Arcos, 10

Avantel

E' esta a palavra que de meus labios se faz ouvir ao escrever as primeiras letras para este precioso jornal. E é esta a mesma que sempre hei-de pronunciar, até que veja realizados os desejos da nossa briosa e honrada classe.

A hora com que me distinguiram, nomeando-me correspondente d'um jornal filiado na nossa classe, fazem com que de forma alguma eu possa deixar de não patentear-lhes o meu grato reconhecimento, tanto para com os amáveis redactores, como para com as restantes individualidades que animam e fortalecem este nosso defensor.

Avantel!...

Corramos todos ao som d'esta palavra que nos serve de divisa.

Todos em massa, protestemos mais uma vez, por o que nos é necessario alcançar sem perda de tempo.

Por acaso pediremos nós coisa, que se não possa fazer? Não.

Só simplesmente o que já ha annos deviamos possuir.

Venha o descanso dominical por lei!

Não haja temeridades...

Avancemos com toda a energia para o campo da batalha.

Procuremos todos os meios para a nossa victoria.

Luctemos até á ultima!

Se alguns commerciantes, tanto d'aqui como das mais localidades, soubessem conservar a sua palavra, a sua honra, decerto escusavamos de recorrer a tão perigosas instancias; mas a época em que nos encontramos desgraçadamente assim o permite

Hoje, a assignatura de alguns commerciantes, de nada vale, nenhuma importancia tem.

Desejava mostrar-lhes tambem o que aqui se passou no anno transacto, com alguns dos nossos patrões, faltando estes ao compromisso por elles tomado no encerramento das lojas ao pomingo; mas, para não acarretar odios, nem vinganças, ficará sepultado no tumulo do esquecimento.

Nova loja

Em breves dias abrirá ao publico um bello estabelecimento, adornado de fazendas de lã, seda e algodão, do qual vae ser proprietario o nosso collega e meu muito presado amigo Manoel Roiz Soares Pereira

Muitas prosperidades, e que se veja bem cedo rodeado das maiores felicidades, é o que do coração lhe appetee este seu fiel amigo.

Inspecções

Findaram ha poucos dias as inspecções sanitarias aos mancebos recrutados no corrente anno, pelas freguezias d'este concelho.

O contingente a sair dos mancebos recrutados, era de 96.

Ha a lastimar-se que n'esse numero entrassem tres nossos presados collegas, e meus muito amigos.

Lastimo devéras que essa sorte não coubesse a tres vagabundos, que para elles seria até um enorme beneficio.

Ainda bem que dois dos quaes, não eram de todo desprotegidos, de sorte; pois que, com bastante custo sim, irão depositar a juro esses 450\$000 réis, quantia esta bem avultada para um simples empregado, que de todas as economias precisa.

São elles os srs.:

Manoel José Pereira, Gaspar Fernandes de Souza e José Alves Barreiros, filho do acreditado commerciante d'esta praça sr. Manoel José Alves Barreiros.

Que sacrificio immenso não fariam elles, se acaso não tivessem meios precisos de que podessem dispor para remir essa obrigação militar!

Villa Real Santo Antonio, 9

(PARTICULAR)

Celebrou-se, no dia 8 do corrente, a costumada festa da Senhora das Augustias, na conhecida cidade de Ayamonte, sendo por essa occasião costume fecharem-se os estabelecimentos locais.

Era, pois, esperado, com ansiedade, o dia 8 de setembro, para podermos ter um bocadinho de regosijo, mas, qual não foi o nosso espanto, quando vimos,—duas ou tres horas antes da hora costumada á de encerrar se as portas dos estabelecimentos, o sr. José Antonio Gomes entrar no estabelecimento do sr. Gavino e pedir a este que não fechasse o seu estabelecimento, ao que o sr. Gavino respondeu, que não fecharia mas que mandaria os seus empregados á festa!

Agradecendo cortezmente, retirou-se o sr. Gomes e dirigiu-se ao estabelecimento do sr. Capa, formulando a este senhor o mesmo pedido, ao que elle annuiu com a sua melhor boa vontade, roubando assim aos caixeiros esse dia de repouso.

Pouco depois o collega Joaquim Bento Collaço, honrando a classe com tão nobre procedimento, dirigiu-se a todos os

os commerciantes pedindo-lhes licença para deixar ir os seus empregados a Ayamonte, ao que elles lhe responderam que fechariam, fechando os srs. Capa, Gavino e José Antonio, que por seu turno diziam que fechavam fechando os mais collegas.

Chegada a hora do encerramento nenhum se atrevi a fechar, esperando todos pelo ponto mais forte que, sabendo isso, se abstinha de fechar, realisando assim o seu desejo.

O sr. José Antonio Gomes, mantendo-se firme no seu posto, ainda teve a amabilidade de mandar sair os seus empregados, enquanto que o resto dos commerciantes nem d'isso se lembravam.

Escusado será dizer que o sr. Capa logo de manhã tinha formado tenção de não fechar.

Em virtude d'este proceder, o nosso espirito revolta-se e, do mais intimo da alma, saem-nos os brados seguintes:

Abaixo as almas vis que querem escravisar os pobres empregados que trabalham dia e noite atrás das taboas do bacão como se fôra um carcere.

Vivam as almas nobres que se compadecem de nós e nos fazem seus amigos.

Vivam os empregados do commercio!

Viva a liberdade!

Um assignante.

Figueira, 5.

Como foi annunciado, effectuou-se, na nossa associação, no dia 20 d'agosto findo, a reunião magna de empregados do commercio d'esta cidade, para se tratar da representação reclamando um dia de descanso por lei, presidindo á meza o nosso amigo sr. Joaquim Gaspar Martins, secretariado pelo collega Antonio Pimentel

A representação foi lida e approvada e solicitou-se as adhesões sobre o assumpto, da Camara Municipal, varias associações, medicos, auctoridades, etc.

Os questionarios que abuxo transcrevo, apresentados por esta associação de classe, depois de assignados por todos os medicos, vão ser entregues ao deputado por este circulo exm.º sr. Pereira dos Santos; para tal fim está nomeada uma commissão composta d'alguns collegas.

Questionario apresentado pela Associação I. dos Empregados do Commercio e Industria Figueirense aos medicos que actualmente fazem clinica n'esta cidade:

1.º Não será nocivo mesmo a um individuo bem constituido physicamente a permanencia constante em um estabelecimento geralmente destituido de condições hygienicas?

2.º São em geral salubres as lojas da Figueira?

3.º A posição habitual do caixeiro sempre de pé ao balcão é prejudicial? (pouco mais ou menos 14 horas por dia)?

4.º A falta de banhos e outros cuidados indispensaveis de hygiene de que carecem quasi todos os caixeiros da Figueira, não poderá influir sobre a sua saude e o seu bom humor?

5.º Poderá um individuo com pouca saude, mal alimentado, mal humorado e senão esmagado por trabalho pelo menos preso a um serviço constante e monotono, terá a boa disposição e actividade precisa para produzir trabalho proveitoso para o seu patrão?

6.º Não será justo que ao caixeiro seja concedido um dia de descanso por semana?

—Realisa-se no domingo proximo, dia 10, pelas 11 1/2 horas da manhã a regata no estuario do nosso rio Mondego, promovida pela Associação Naval I.º de Maio. E' das diversões que attrahe sempre mais povo e que se aprecia com mais agrado

Ha grande animação em todos os rapazes que entram nas corridas.

Com oportunidade darei o detalhe d'ellas.

—Tambem se realisa no dia 8 a corrida de touros no *Colyseu Figueirense*, sendo contractados para esta corrida os arrojados cavalleiros Manoel Casimiro e seu filho José Casimiro, e alguns espadas e bandartheiros, sendo estes artistas de merito. Espera-se que seja uma tourada das melhores da época. Ven a esta cidade n'este dia varias excursões, havendo comboios a preços reduzidos.

Correspondente.

Falta d'espaco

A correspondencia de Braga, chegada á ultima hora, e que se compõe de 15 linguados, veio crear-nos enormes difficuldades para a composição do jornal.

Para lhe dar-mos publicidade, deixamos para o proximo numero o original já preparado sobre o seguinte: *Echos da quinzeana*, artigo sobre *Alberto Nazareth e Antonio Vaz*, secções *Eccos, Livros & Jornaes* e outras coisas que julgamos desnecessario enumerar.

"FRATERNIDADE"

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex.º Sr.